

Apresentação

É com satisfação que comunicamos aos nossos leitores que *História* passa, a partir do presente número, a ser publicada semestralmente, adequando-se à periodicidade dominante entre as publicações da área. Foram introduzidas pequenas alterações no projeto gráfico, com o intuito de equilibrar a distribuição dos textos nas páginas, e modificações na apresentação das notas, explicitadas nas normas constantes no final do número.

O conjunto de artigos ora apresentado foi enfeixado sob a temática *História e outras linguagens*. O texto de Annateresa Fabris discute as experiências dadaístas levadas a cabo nas décadas iniciais do século XX, relacionando-as ao questionamento da representação e aos novos caminhos expressivos abertos pelo cubismo. A autora traça um vivo panorama do clima intelectual de Berlim durante a República de Weimar, localizando precisamente os embates políticos e estéticos que marcavam a Alemanha às vésperas da ascensão do nazismo, sem perder de vista os desafios impostos aos artistas pela expansão do campo visual, típica da sociedade de massas. A fotomontagem, tal como praticada pelos dadaístas, é esmiuçada em seus vários sentidos, com especial destaque para os trabalhos de John Heartfield.

Ana Luiza Martins privilegia o mesmo período e se vale de fontes de natureza semelhante, porém sua atenção dirige-se para a cidade de São Paulo. Ela nos fala do fascínio provocado pelas revistas ilustradas e alerta para os riscos de uma leitura destituída de problematização. Com rigor, aponta os passos essenciais a serem seguidos pelo historiador que trabalha com esses documentos, alertando para suas peculiaridades em termos de forma, conteúdo e possibilidades técnicas. Ques-

tões relativas à segmentação e ao lugar ocupado pelas imagens são cuidadosamente analisadas.

Os artigos de Adalberto Paranhos e Marcos Napolitano entrelaçam música e História. No primeiro, Paranhos propõe-se a examinar “o discurso musical de compositores e intérpretes da música popular brasileira industrializada, entre os final dos anos 20 e meados dos 40 do século XX, período que cobre desde o surgimento do ‘samba carioca’ até sua consolidação como expressão musical da brasilidade”, dando conta do permanente fazer e refazer do samba. Marcos Napolitano, por sua vez, discute o ser social e o tempo histórico em cinco canções de Chico Buarque de Hollanda, compostas ao longo da década de 70, colocando em relevo de que forma tal produção extravasa os limites da chamada canção de protesto.

O período da ditadura militar continua em cena no texto de Rosângela Patriota, que discute a trajetória do Teatro Oficina. O repertório, as experiências cênicas, os dilemas da produção estética e seu diálogo com o contexto político estão entre os temas abordados, num cuidadoso trabalho de exegese que coloca a questão do tropicalismo a partir de outras trilhas interpretativas.

Com Sheila Schvarzman e Kátia Abud nossas atenções voltam-se para o cinema. As maneiras como a História foi encenada na produção filmica brasileira dos anos 90 são o ponto central do instigante ensaio de Sheila, que analisa produções como *Carlota Joaquina, O que é isso, companheiro, Dois córregos e Baile perfumado*. Kátia Abud, por seu turno, discute a utilização do cinema em sala de aula, alertando para os pressupostos, por vezes ingênuos, que motivaram sua defesa. A autora bem assinala a historicidade da apreensão da imagem, destacando suas possibilidades como recurso didático para a construção do saber histórico escolar.

Gostaríamos de registrar especiais agradecimentos a Sidnei Simonnelli, cuja colaboração foi fundamental para concretizar a edição deste número.

Comissão Editorial